

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RGS
FACULDADE DE LETRAS

Disciplina: Literatura de Língua Portuguesa: Campo, sertão e
cidade

ENSAIO

O campo na poesia e na música de Mário Barbará e
Sérgio Napp

Orientadora: MARIA TEREZA AMODEO

Aluno: KLEBER DE OLIVEIRA BOELTER

Porto Alegre, novembro de 2007

1-Introdução

Seja na mesa de bar de alguma Faculdade de Letras ou no plenário de um congresso de intelectuais, dificilmente encontraríamos duas pessoas que, provocadas, emitissem um mesmo conceito sobre o que é literatura. No entanto (e talvez por isso mesmo), provavelmente haveria consenso se afirmássemos que literatura é algo complexo e riquíssimo, tanto na forma quanto em significados.

Nessa complexidade de elementos que se combinam na criação de uma obra literária, o espaço ocupa, muitas vezes, um lugar de destaque. E não apenas pela ambientação geográfica ou mesmo pela caracterização da cultura que está ligada a esse espaço geográfico, mas pela influência mesma que essa ambientação tem na formação e na ação do elemento humano.

Nos estudos desenvolvidos neste semestre na disciplina *Literatura de Língua Portuguesa: campo, sertão e cidade*, olhamos com detalhe a influência do sertão na obra de Guimarães Rosa, *Grande sertão: veredas*¹, da cidade, no seu viés urbano da pequena burguesia na obra de Eça de Queirós, *O primo Basílio*² e do campo e seu entorno no texto de Cyro Martins, *Porteira fechada*³.

No presente trabalho, o objetivo é lançar um olhar sobre um exemplo de poesia ou música ligada ao tema do campo e verificar como sua temática e, em especial, o espaço nela caracterizado, apresenta a realidade. E, mais além, traçar alguns paralelos com os outros textos estudados, em especial a obra de Cyro Martins por sua afinidade temática.

2-Os gaúchos

O uso da expressão “os gaúchos” não se refere a um elemento homogêneo no plural, mas, antes, a vários conjuntos de elementos heterogêneos como grupo e, no próprio grupo, heterogêneos entre si.

Fala-se com um tom verdade que a literatura, a poesia e a música regionalista gaúcha são, essencialmente, uma exaltação de um tipo idealizado, de um indivíduo que reúne características nobres de coragem, honestidade, bravura, hospitalidade e muitas outras, e que vive num campo livre e sem fronteiras, representação máxima de uma completa liberdade. Porém, ao se mergulhar em algumas obras específicas, não é isso o que se encontra. Jayme Caetano Braun⁴, o mais importante payador⁵ da literatura gaúcha, nesses versos de *Gaúchos*

*“Gaúcho – gaúcho – que encerra
a própria ancestralidade!
mataram-me a identidade
que foi bandeira de guerra;*

¹ ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*. Rio de Janeiro. José Olympio, 1968. 6ª edição.

² QUEIRÓS, Eça de. *O Primo Basílio*. Biblioteca ZH. São Paulo, Klick Editora, 1998.

³ MARTINS, Cyro. *Porteira fechada*. Porto Alegre, Movimento, 2001.

⁴ BRAUN, Jayme Caetano. *50 anos de poesia – antologia poética*. Porto Alegre, Martins Livreiro, 1999.

⁵ Payador: A palavra “Payador” é um híbrido do espanhol por associação com *payé* – sacerdote indígena. Quando um mortal fala, verseja ou canta algo acima do natural, se diz *payea*, faz coisas inerentes aos *payés* (do português paje/pajeia). E se pajeia é um pajeador. Através de corruptela chegou-se ao híbrido *payador* ou fazedor de *payadas*. Definição retirada de http://bolichodogaudio.com/bolicho/portal/index.php?option=com_content&task=view&id=29&Itemid=1.

*o vento xucro que berra,
atesta essa realidade:
- das léguas de liberdade,
não resta um palmo de terra”*

e de *Da terra nascem os gritos*

*“Mataram meus infêntos
E me expulsaram dos campos; da terra nasceram gritos,
Dos gritos brotaram cantos!”*

ressalta a mudança na geografia dos campos que, com o crescimento demográfico e a mudança nas características econômicas de exploração da terra, alterou substancialmente a característica de grandes espaços livres.

Se esse gaúcho idealizado não é a realidade única nem da literatura, nem da poesia e nem da música, também não o é o gaúcho miserável, expulso das lides do campo para os cinturões de miséria que surgiram na nova geografia do campo e que são o cerne da obra *Porteira fechada*, de Cyro Martins.

Entre esses dois extremos há toda uma multifacetada composição de elementos que refletem, na verdade, a própria característica complexa do gênero humano e seus arranjos sociais. Nessa linha de raciocínio, escolhemos para o presente trabalho três músicas do cancionário gaúcho interpretadas e/ou compostas por Mário Barbará, para analisar características distintas do habitante desse lugar que se denominou de pampa, mas que reflete, na verdade, toda a representação de determinados traços culturais. São elas *Desgarrados*, vencedora da XI Califórnia da Canção Nativa de Uruguaiana, *Mala de garupa* e *Retirante*.

3-As músicas

Desgarrados

Sérgio Napp e Mário Barbará Dorneles

Eles se encontram no cais do porto pelas calçadas,
Fazem biscates pelos mercados, pelas esquinas,
Carregam lixo vendem revistas, juntam baganas,
E são pingentes nas avenidas da capital.

Eles se escondem pelos botecos entre os cortiços,
E pra esquecerem contam bravatas, velhas histórias.
Então são tragos muitos estragos por toda noite,
Olhos abertos o longe é perto, o que vale é o sonho.

Refrão:

Sopram ventos desgarrados carregados de saudade,
Viram copos, viram mundos,
Mais o que foi, nunca mais será
Mais o que foi , nunca mais será.

Cevavam mate, sorriso franco, palheiro aceso,
Viravam brasas, contavam casos polindo esporas,
Geada fria, café bem quente, muito alvoroço.
Arreios firmes e nos pescoços lenços vermelhos.

Jogo do osso, cana de espera e o pão de forno,

O milho assado, a carne gorda e a cancha reta,
Faziam planos e nem sabiam que eram felizes,
Olhos abertos o longe é perto o que vale é os sonhos.

Mala de Garupa

Mário Barbará

Nesta mala de garupa
Fumo em rama e um baralho
Uma faca na bainha
Com a qual eu dou meus talhos
Vai num canto escondida
Uma ponta de saudade
Rapadura e erva mate
E um bilhete prá cidade

Lá no fundo guardo um sonho
Desses que jamais vingou
Uma funda e uma isca
Da pandorga o que sobrou
Um punhado de caminhos
E outras tantas geografias
Um pedaço de esperança
Mais um tanto de alegria

Nesta mala de garupa
Fumo em rama e um baralho
Uma faca na bainha
Com a qual eu dou meus talhos
Vai num canto escondida
Uma ponta de saudade
Rapadura e erva mate
E um bilhete prá cidade

Vai um sol já meio gasto
E uma rosa esquecida
De lugar onde refaço
Meus estragos e feridas
Dentro dela meus retalhos
Meus amores, minhas lidas
Nesta mala de garupa
Vai a vida, vai a vida

Nesta mala de garupa
Fumo em rama e um baralho
Uma faca na bainha
Com a qual eu dou meus talhos
Vai num canto escondida
Uma ponta de saudade
Rapadura e erva mate
E um bilhete prá cidade

Retirante

Mário Barbará

Composição: Sérgio Napp

Eu tenho as mãos calejadas
Algumas rugas no rosto
Aqui sou burro de carga
E nem sou dono de mim
Eu tenho todo o espaço
Que os olhos podem tomar
Mas não consigo um pedaço
Que seja meu pra plantar

Não me facina o luzeiro

Que eu possa achar na cidade
// Eu busco um prato de vida
E um gosto de liberdade //

O que me leva é o desejo
De me enxergar como igual
Aqui sou mero instrumento
Usado por serventia
Nas safras eu me alimento
Do gado sou dependente
Lá fora, por meu trabalho
Talvez eu venha a ser gente

Não levo sonhos na mala
Nem vícios de valentia
Eu sei, me espera uma adaga
Que pode matar-me um dia
Me jogo inteiro assim mesmo
De corpo e de coração
No espelho das avenidas
Operario, e não peão

4-Os gaúchos de Mário Barbará

Essas três composições traçam um interessante perfil do gaúcho, compreendido não como o indivíduo nascido no Rio Grande do Sul, mas como o elemento oriundo do campo, aquele habitante originalmente ligado à vida rural típica do pampa, seja ela do sul do Brasil ou do pampa argentino e uruguaio, esmiuçado por Carlos Reverbél em *O gaúcho*⁶.

Em *Desgarrados*, a grande vencedora da XI Califórnia da Canção Nativa de Uruguaiana, nós temos um gaúcho que vem parar no grande centro urbano por motivos não esclarecidos. Se a razão de seu êxodo pode ser as mudanças econômicas relatadas por Cyro Martins em sua *Trilogia do gaúcho a pé*⁷, também pode ser a busca de melhores condições de vida, de uma nova situação que se insinua nos versos “*faziam planos e nem sabiam que eram felizes*”, como se esses planos fossem a intenção de se mudar de um lugar que eles habitavam e “*nem sabiam que eram felizes*”. Essa possibilidade interpretativa fica reforçada no poema *Retirante*, também acima descrito.

Independente dos motivos, na letra de *Desgarrados* o gaúcho que sai de sua terra e vem para a cidade acaba marginalizado e envolvido nos bolsões de pobreza. É um indivíduo cujas habilidades que o faziam útil e importante em seu elemento original não possuem valor nos centros urbanos. E essa é uma realidade não apenas do gaúcho, mas de todos aqueles que, em consequência de mudanças sociais e econômicas se vêem obrigados a enfrentar novos desafios para os quais não estão preparados. Velhas habilidades que garantiam seu sustento e sua sociabilidade em velhos tempos não correspondem às necessidades de novas circunstâncias. Essa é uma realidade que esteve sempre presente na história da humanidade, e que se reproduz no microcosmo do gaúcho.

Essa inadaptabilidade, essa marginalidade no novo ambiente acaba valorizando as lembranças de um passado que talvez fosse pouco valorizado. O verso “*faziam planos e nem sabiam que eram felizes*” deixa bem claro uma tentativa de mudança, de melhoria que acaba fracassando.

Na letra de *Mala de garupa* estão presentes os mesmos elementos de *Desgarrados*, só que num momento anterior à experiência de inadaptação à cidade. Nesses versos, o gaúcho que empreende uma jornada rumo ao espaço urbano (pois ele carrega “*um bilhete para a cidade*”) traz consigo também toda uma série de lembranças que são elementos de seu

⁶ REVERBEL, Carlos. *O gaúcho*. Porto Alegre, P&PM Pocket, 2002.

⁷ Trilogia do gaúcho a pé, de Cyro Martins, é a denominação dada ao conjunto das seguintes obras: *Sem rumo* (1937), *Porteira fechada* (1944) e *Estrada nova* (1953).

espaço de origem. Os apetrechos que o acompanham na mala de garupa são componentes de sua cultura, traços de sua origem e contorno mesmo de sua identidade. E, ainda que ele não tenha como resultado de sua mudança o fracasso que aparece em *Desgarrados*, ele já carrega na sua mala de garupa “*uma ponta de saudade*”.

Ampliando esse mosaico no qual enfocamos a complexidade da relação do elemento humano com seu meio, o terceiro poema apresenta uma visão diferente. Em *Retirante*, Mário Barbará e Sérgio Napp mostram um gaúcho que, no seu habitat campeiro, ao invés de se sentir livre e identificado com os elementos do espaço, julga-se quase um escravo. Vendo-se como um “burro de carga”, ele relembra que, mesmo existindo um espaço de amplidão, nenhuma parte deste espaço lhe pertence. Na estrutura sócio-econômica do campo ele se enxerga apenas como um instrumento, uma espécie de marionete amarrado aos fios que outros manipulam. É um retrato não de uma mudança de espaço ou de um choque cultural, mas de um indivíduo que não se sente adaptado ao seu meio original, que não percebe no seu espaço os valores que lhe são significativos.

5-As diferentes relações de espaço e personagens nas obras estudadas

Os contrastes, em geral, são mais reveladores e instigantes do que as semelhanças. Afinal, no entrechoque de idéias distintas não está em jogo apenas o questionamento de um dos pontos de vista, mas a possibilidade de descoberta de uma nova visão, de um novo ângulo de uma mesma realidade. Quando não de uma realidade totalmente diferente.

Nas obras estudadas na presente disciplina - *Grande sertão: veredas* de Guimarães Rosa, *O primo Basílio* de Eça de Queirós e *Porteira fechada* de Cyro Martins – o espaço e os personagens, dentro da temática mais genérica do texto, se relacionam de forma distinta. No livro de Guimarães Rosa o espaço é tratado não apenas como um elemento fundamental (“*o sertão é tudo*”, nas palavras do próprio protagonista, Riobaldo) mas tem, nesta conotação quase metafísica, uma presença que molda os personagens e delinea toda a tecitura da narrativa. Não há uma análise de valor: o sertão é bom e ruim, é libertador e opressor, é belo e é árido, é, enfim, tudo. Talvez por essa condição transcendente, o espaço está acima e aquém dos personagens.

Já na obra de Eça de Queirós os personagens se movem num espaço que tem nítida conotação negativa. É o ambiente aparentemente luxuoso da pequena burguesia lisboeta, repleto de detalhes pomposos que demonstram, ao final, serem muito mais elementos de ostentação de uma opulência e nobreza que não existem. Essa falsa suntuosidade é bem caracterizada na passagem onde Basílio apresenta, pela primeira vez, o quarto que ele alugou para receber sua amante, Luísa, e que ele chama meio sarcasticamente de *Paraíso*. Menos do que elemento influenciador ou mesmo formador do comportamento dos personagens, o espaço em *O primo Basílio* é muito mais um reflexo de uma forma de vida falsa e repleta de valores cultivados para aparentar externamente mais do que os indivíduos, na realidade, são.

Numa dimensão bem mais determinista, Cyro Martins apresenta o espaço em *Porteira fechada* (e, na verdade, em toda a *Trilogia do gaúcho a pé*) como um elemento definidor do destino do ser humano. Para tanto, ele apresenta dois espaços distintos que representam o bem e o mal, o sucesso e o fracasso, o paraíso e o inferno. O primeiro é o elemento original, fundador, que se confunde, por suas características, com a própria imagem do gaúcho. É o campo livre, fértil, provedor, terreno benigno com o qual o elemento humano não apenas se identifica, mas se relaciona afetivamente. O outro espaço é o não-campo, que não chega a ter uma caracterização urbana, com suas vantagens e desvantagens (como expressou Sérgio Napp e Mário Barbará em *Desgarrados* e *Retirante*). É, antes, um aglomerado de misérias, infelicidades e humilhações que reflete tudo o que se perdeu no abandono do espaço original e para o qual não se encontrou substituto. Ao mesmo tempo

que representa o homem expulso de suas raízes, também espelha o indivíduo que não consegue se adaptar às mudanças econômicas e sociais que são, em última análise, inevitáveis.

6-Conclusão

Uma obra literária não é uma reprodução da verdade. Mas, também, não é uma reprodução da mentira. Ela é um recorte que traz em suas significações uma ampla possibilidade de interpretação, tanto maior quanto melhor a qualidade do texto. Por isso, nesse recorte há verdades e mentiras, realidade e ficção, todas com significação na complexidade da narrativa do autor e na interpretação do leitor.

A heterogeneidade das obras estudadas não somente explorou uma gama de ambientações distintas – o sertão, o campo e a cidade – mas revelou, principalmente, a complexa relação existente entre esses elementos e o comportamento humano.

Enfim, um mergulho no espaço (dos livros) prazeroso para a alma humana.
